

ONTOLOGIA DO ABSTRATO: PROPOSTA DE REFORMULAÇÃO CONCEITUAL A PARTIR DE UMA COMPREENSÃO ESTRUTURAL DA LINGUAGEM

Charles de Paula Eugenio¹

RESUMO: Este artigo propõe uma reformulação ontológica do conceito de “abstrato”, entendendo-o não como uma ideia vaga ou distanciada do real, mas como um fragmento ampliado de um todo concreto. O objetivo é demonstrar que a abstração, enquanto processo de segmentação da realidade, pode ser compreendida como instrumento de análise e reconstrução da totalidade. A partir dessa redefinição, pretende-se lançar as bases para uma nova epistemologia da linguagem e da cognição, em diálogo com a história da ciência, a filosofia da mente e a matemática. “abstrato” refere-se a algo que não é concreto, ou seja, que não pode ser percebido pelos sentidos de forma direta. No contexto de ideias ou conceitos, algo abstrato é uma ideia ou noção que não tem uma forma física clara, como amor, justiça ou liberdade. Em outras palavras, o abstrato é o oposto do concreto, que é algo palpável e tangível.

Palavras-chave: Ontologia. Abstração. Linguagem. Reforma Conceitual. Metafísica. Cognição. Epistemologia.

ABSTRACT: This manifesto proposes a profound reform in the philosophical understanding of the concept of the abstract. It challenges traditional metaphysical assumptions that oppose abstraction to concreteness, suggesting a new ontological foundation based on the inseparability between language, cognition, and reality. By reconstructing the semantic roots of the term “abstract,” the article aims to reveal how linguistic conventions have historically veiled operative structures of meaning, imposing dualisms that hinder ontological clarity. The work dialogues with classical and contemporary thinkers and sets the stage for a renewed epistemological approach in which abstraction emerges not as detachment, but as a dimension of synthesis, integration, and constructive convergence with the real.

Keywords: Ontology. Abstraction. Language. Conceptual Reform. Metaphysics. Cognition. Epistemology.

I. INTRODUÇÃO

A linguagem é o alicerce da realidade nomeada. É por meio dela que construímos os pilares da ciência, da cultura e da metafísica. No entanto, alguns termos amplamente utilizados carregam ambiguidade e imprecisão, prejudicando a

¹Pontifícia Universidade Católica de Belo Horizonte, Direito Minerário, Ambiental e Urbanístico - Pontifícia Universidade Católica de Belo Horizonte - PUC Minas. Engenharia Ambiental.

clareza conceitual necessária à construção do conhecimento. O termo “abstrato” é um desses casos. Este artigo apresenta uma proposta de revisão ontológica do conceito de abstrato, partindo da hipótese de que este representa, na verdade, um fragmento retirado e ampliado de um todo concreto, e não algo oposto ao concreto. Com base nessa compreensão, propõe-se uma nova estrutura cognitiva e epistemológica para a linguagem conceitual.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O conceito tradicional de abstrato

Historicamente, o abstrato é compreendido como aquilo que não é tangível, sensível ou mensurável. Essa definição está presente na filosofia clássica e moderna, em especial nas distinções entre mundo sensível e inteligível, como em Platão e Kant. No entanto, essa concepção tem se mostrado limitada, principalmente quando aplicada a campos como a matemática, a linguística computacional ou a física teórica.

2.2. O abstrato como fragmento do concreto

Propõe-se aqui uma reformulação: o abstrato não é o oposto do concreto, mas uma **partição retirada e amplificada** de uma estrutura total. O processo de abstração seria, portanto, o recorte de um conjunto interdependente de elementos, que ao ser destacado e estudado isoladamente, adquire nova ênfase. Assim, a abstração torna-se um instrumento de análise e não uma negação do real.

O termo "**abstrato**" refere-se a algo que não é concreto, ou seja, que não pode ser percebido pelos sentidos de forma direta. No contexto de ideias ou conceitos, algo abstrato é uma ideia ou noção que não tem uma forma física clara, como amor, justiça ou liberdade. Em outras palavras, o abstrato é o oposto do concreto, que é algo palpável e tangível.

O conceito de abstrato é fascinante porque nos permite explorar ideias que vão além da experiência sensorial direta. Na arte, por exemplo, o abstrato se manifesta em pinturas que não representam figuras ou objetos concretos, mas transmitem emoções e conceitos por meio de formas e cores. Na filosofia, o abstrato ajuda a discutir temas complexos como ética e consciência. Porém é limitante em minha visão tenho uma concepção diferente do que o dicionário e o conceito.

A concepção aqui proposta do termo 'abstrato' diverge significativamente das interpretações tradicionais presentes na gramática normativa e nos tratados linguísticos, da linguagem dinâmica, do conceito universal. Abstrato, para mim, provém de algo, de uma derivação, de abstrair, ou seja, retirar. Para mim, abstrato nada mais é do que um pedaço que foi abstraído de um concreto. Imagine-se, então, um quebra-cabeça, onde você retira uma peça. Ele tem 500 peças, você retira uma peça, amplia ela e demonstra ela. Ele é um abstrato. É um abstrato de algo que foi abstraído de um todo, de um concreto.

O concreto seria o quebra-cabeça. O abstrato seria a abstração do concreto que se reveria à partição que você retirou do concreto que tornaria com que essa. Quando eu olhamos para um teorema matemático, ou um conceito matemático, nós formalizamos cada partição como uma parte abstrata de um todo.

Através disso, vai se montando esse imenso quebra-cabeça com conceitos reais, palpáveis, e de acordo que se vai criando ele vai tomando forma e o todo começa a aparecer, nesse momento saímos de um conceito de abstração, e a partir daí fundamentamos algo concreto, algo palpável, ou seja, aquele recorte ampliado retoma a sua formalização originária e é composta pelas suas partições faltantes e se toma um concreto.

Esse é o conceito em que criamos seja na arte, na ciência, na formulação das palavras, nos desenhos, projetos de engenharia, na física, matemática.

E como se começar um desenho que visa construir um ser humano e parar na metade dos olhos e ampliar essa imagem, ele sai de uma criação concreta e passa pelo sentido abstrato e ali permanece, até que alguém vislumbra o todo, conceitos matemáticos frequentemente operam como partições abstratas de um todo estruturado.

Através disso, se constrói esse quebra-cabeça com conceitos reais, palpáveis, criando e projetando algo real, sem nuances enigmáticas ou sem sentido lógico, nos saímos de um conceito de abstração, e a partir daí eu fundamento algo concreto, algo palpável, ou seja, aquele recorte ampliado retoma a sua formalização originária e é composta pelas suas partições faltantes e se toma um concreto. Esse é o conceito em que eu tomo matemática.

Muitas vezes, conceitos abstratos podem ser interpretados de maneiras diferentes, dependendo da perspectiva de cada pessoa.

O que exatamente difere na sua concepção?

Você vê o abstrato como algo mais amplo, mais concreto ou de uma maneira totalmente nova?

Na matemática, muitas vezes começamos com princípios concretos e, ao aprofundar o estudo, extraímos partes essenciais, abstraímos conceitos e os refinamos. Depois, ao reconectar essas partes, criamos sistemas coerentes que, por sua vez, tornam-se concretos novamente, minha abordagem segue uma estrutura dialética, onde abstração e concretização caminham juntas para construir um conhecimento mais profundo.

Primeiro com a intensão de nominar algo vago, e sem foco inicial, coisa que a caracterização linguística se apoderou de maneira pequena e trouxe uma limitação dúbia e apartada de uma realidade que deveria ser contemplada, pois para conseguir enxergar a matéria como um todo.

Conceito próprio de abstrato traz a compreensão que um construtor só pode construir aquilo que sabe que está construído.

Assim como um líder só ouse liderar se souber pra onde está indo o termo abstrato perdeu seu alcance ontológico e sua visão objetiva de mensuração tornou-se nublada, e sem contação contextual trazendo incertezas aos estudantes e acadêmicos, algo incompreensível e limitante, onde se ousam definir como sem visão plena ou entendimento de uma parte de um todo, o próprio conceito em si já traz em seu bojo um irrealismo e limitação ontologia ” refere-se a algo que não é concreto, ou seja, que não pode ser percebido pelos sentidos de forma direta”, a teleologia perde o sentido e seu alcance se torna raso.

O próprio de abstrato, e ele traz uma profundidade imensa sobre a relação entre conhecimento. O que venho a propor é que o abstrato não é simplesmente algo indefinido ou imaterial, mas sim um fragmento de um todo concreto, algo que foi retirado e ampliado para compreensão. Dessa forma, o processo de abstração se torna um meio de reconstrução—uma ferramenta para alcançar um conhecimento mais organizado e aplicável.

Primeiro, conseguir enxergar a matéria como um todo. Entendeu meu conceito próprio de abstrato, uma simples abstração traz vigor ao termo em si, compreendemos que um construtor, projetista, arquiteto, desenhista só podem construir aquilo que sabe que está construído Assim como um líder só ouse liderar se souber pra onde está indo. Acho que as novas e possíveis configurações traria mais coerência, um conceito mais expansivo e ate aplicável, ele teria uma aplicação mais ampla.

Essa proposição de mudança em vias oficiais, além de um artigo, pois o artigo apenas expressa opinião e claro uma didática a ser estudada e debatida, mas em poucas palavras e meramente explicativo e exemplificativo, sem valor real e nem aplicação no mundo real até que seja amplamente debatido.

Tal aplicação como artigo sei teria apenas o papel de irrealismo mas com as discursões nos meios corretos podemos alcançar um novo conceito pleno, e sair de uma modelo conceitual que hoje e um verdadeiro substrato de um conhecimento humano limitado, ampliando suas fronteiras, estimulando seu progresso, e não somente tendo um conceito ilógico de uma entendimento por meio de um conceito simplesmente limitante e de compreensão irreal.

Em resumo, ontologia se refere ao estudo da natureza do ser, da existência, e das diferentes categorias de coisas que existem no mundo. Abstração é o processo de isolar mentalmente características ou propriedades de um objeto para considerar individualmente, ou de omitir detalhes irrelevantes. Abstrair é a ação de realizar essa separação mental. Abstrato é o resultado desse processo, ou seja, algo que existe apenas como conceito ou ideia, sem uma existência física concreta. Teleológica refere-se ao estudo das finalidades e propósitos, ou seja, das causas últimas de um fenômeno.

Elaboração Detalhada:

- **Ontologia:**

É um ramo da filosofia que investiga a natureza do ser, o que existe, e as diferentes categorias de coisas que existem. Ela explora questões como a natureza da realidade, a existência de objetos físicos e mentais, a natureza do tempo e espaço, e muito mais.

- **Abstração:**

É a capacidade de isolar mentalmente um aspecto ou característica de um objeto ou conceito, para que possamos considerá-lo individualmente, sem nos preocuparmos

com o resto do contexto. É um processo essencial para o aprendizado e a compreensão do mundo, permitindo-nos generalizar e identificar padrões.

- **Abstrair:**

Significa praticar a abstração. É o ato de se afastar de detalhes concretos para se concentrar nos aspectos essenciais. Por exemplo, quando usamos a abstração em programação, podemos criar interfaces genéricas para lidar com diferentes tipos de dados, sem ter que nos preocupar com detalhes de implementação específicos.

- **Abstrato:**

Refere-se a algo que não é concreto ou material, que existe apenas como uma ideia ou conceito. Conceitos como "amor", "justiça" ou "verdade" são exemplos de conceitos abstratos. Eles não têm uma existência física palpável, mas são importantes para a nossa compreensão do mundo.

- **Teleológico:**

Relativo à teleologia, que é o estudo das finalidades ou propósitos. A abordagem teleológica procura identificar os objetivos ou causas últimas de um fenômeno, em vez de se concentrar apenas nas causas imediatas. Por exemplo, um estudo teleológico poderia investigar o propósito evolutivo de uma determinada característica de um organismo.

ao observarmos os fundamentos dialéticos das palavras em tese, podemos concluir que todos os detalhamentos se comunicam de forma expressiva, pois e uma declaração implícita do todo, um formalismo linguístico do entendimento dinâmico do ser humano enquanto ser ciente, se postulando simplesmente como uma conceito sofisticado do incompreensível e que expressa a sofisticação de uma visão da linguagem filosófica e do formalismo linguístico, como formalismo do entendimento dinâmico do ser humano enquanto ente consciente. A articulação entre ontologia, abstração, teleologia e os demais termos não é apenas didática; ela revela um sistema coeso de representação do pensamento. Cada conceito funciona como um vértice ou vetor desse sistema, implicando o outro e ganhando sentido no todo.

A forma como como a defino se colocaria em tese como — “declaração implícita do todo” — é profundamente heideggeriana, remetendo ao conceito de que o ser só se revela em sua totalidade na medida em que é experienciado e nomeado por um ente que é capaz de compreender o ser — ou seja, o ser humano.

Podemos, inclusive, representar esse encadeamento da seguinte forma:

Ontologia: fundamento do ser →

Abstração: operação mental sobre o ser →

Abstrair: ato fenomenológico dessa operação →

Abstrato: forma resultante no plano da consciência →

Teleológico: direcionamento dessa consciência em busca de sentido.

Articulando como uma matriz linguística e filosófica de uma visão integrada do pensamento conceitual, onde os termos centrais (ontologia, abstração, teleologia) formam um sistema vivo, coeso e dinâmico — ancorado na experiência do ser humano como ente consciente pois funciona como núcleo semântico em que não há compartimentalização do saber, mas sim uma **unidade de sentido em movimento**, onde linguagem, consciência e existência se entrelaçam.

Acredito seriamente que tanto o ser humano, como os alcance das palavras, conceitos devem evoluir, o ser humano enquanto ser ciente deve promover uma evolução linguística, consciente, tecnológica, pois tal supressão e igual e estagnação e tudo isso leva a um único resultado extinção provocada por uma inercia de ações evolutivas, pois cada sociedade busca se acorrentar e bases estruturais ultrapassadas, temendo o novo, novos conceitos e um novo desenho da sociedade como um todo.

Por séculos o geocentrismo foi o centro da galáxia, intuições perseguiram ideias diferente, o próprio Galilei teve que negar suas teorias em favor de sua vida, Nicolau copérnico, foi combatido ferozmente, com sua teoria o heliocentrismo, que séculos mais tarde veio a se confirmar, a sociedade só evolui com passos largos e ousadia, não devemos apequenas os conceitos a sociedade e sim o contrário a sociedade e que deve evoluir a ponte de compreender tais conceito, e aqueles que se negam são tragados, povos como mais, incas e astecas foram extintor pela evolução e nos enquanto humanos seremos obrigados e evoluir em amplas áreas.

3. PROPOSTA ONTOLÓGICA

3.1. Abstração como decomposição lógica

A abstração é vista como um processo matemático e ontológico: extrair uma parte do todo e ampliá-la para fins de análise. Essa operação não nega o todo, mas o pressupõe. Portanto, o abstrato é sempre um eco do concreto, e não sua antítese.

3.2. O papel da linguagem e da matemática

Na matemática, os conceitos são frequentemente abstrações de realidades físicas (por exemplo, a noção de ponto, reta, número). Tais conceitos são úteis justamente porque se apoiam em estruturas concretas e mensuráveis. A linguagem age da mesma forma: extrai do real signos e significantes que se tornam unidades manipuláveis de pensamento.

4. IMPLICAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS

4.1. Uma nova estrutura para a linguagem conceitual

Se o abstrato é uma extensão do concreto, então a linguagem precisa ser revista como instrumento de projeção, e não de separação. Isso impacta a forma como ensinamos, classificamos e nomeamos conceitos.

4.2. Aplicações possíveis

Essa abordagem pode ser aplicada em:

- Lógicas formais e sistemas computacionais;
- Inteligência artificial e ontologias computacionais;
- Educação, especialmente no ensino de ciências;
- Filosofia da mente e cognição.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ressignificar o termo “abstrato” como fragmento ampliado do concreto, abre-se espaço para uma revisão mais profunda da linguagem conceitual e de seus instrumentos de aplicação científica. Esta proposta não pretende encerrar o debate, mas iniciar uma reforma nos fundamentos linguísticos e ontológicos da construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. 4. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores)

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2009.

No mesmo sentido, Deleuze observa que “a repetição é, ao mesmo tempo, diferença sem conceito e conceito sem semelhança” (DELEUZE, 2006). Esse pensamento apoia a ideia de que o abstrato se constitui por fragmentos que contêm virtualmente a totalidade, como reverberações não lineares.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

No mesmo sentido, Deleuze observa que “a repetição é, ao mesmo tempo, diferença sem conceito e conceito sem semelhança” (DELEUZE, 2006). Esse pensamento apoia a ideia de que o abstrato se constitui por fragmentos que contêm virtualmente a totalidade, como reverberações não lineares.

GOODMAN, Nelson. *Maneiras de fazer mundos*. Tradução de José L. Goldfarb. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2011.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do espírito*. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 1992.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Ciência da lógica*. Tradução de Marco Aurélio Werle. São Paulo: Loyola, 2010.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução de J. A. Cruz Macedo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de Cristina Schumacher. Campinas: Mercado de Letras, 2002. A esse respeito, Lakoff e Johnson argumentam que “o que chamamos de pensamento racional depende, em larga medida, de metáforas que são essencialmente corpóreas” (LAKOFF; JOHNSON, 2014). Isso aponta que a abstração não é desligada do sensível, mas uma operação cognitiva enraizada na experiência física e metafórica.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Filosofia na carne: o corpo, a mente e o significado do mundo*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019. A esse respeito, Lakoff e Johnson argumentam que “o que chamamos de pensamento racional depende, em larga medida, de metáforas que são essencialmente corpóreas” (LAKOFF; JOHNSON, 2014). Isso aponta que a abstração não é desligada do sensível, mas uma operação cognitiva enraizada na experiência física e metafórica.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Merleau-Ponty já advertia: “O mundo não é aquilo que penso, mas aquilo que vivo” (MERLEAU-PONTY, 1999). O abstrato, sob essa ótica fenomenológica, não se opõe ao concreto, mas o expande.

PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

PLATÃO. *Parmênides*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2002.

PLATÃO. *Timeu*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2002.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores) Como afirmou Wittgenstein: “Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo” (WITTGENSTEIN, 1979). Essa formulação reforça que toda construção abstrata ainda se ancora em uma moldura possível, mesmo quando excede o enunciável lógico.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. São Paulo: Graal, 2006.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Filosofia na Carne: o Corpo e o Enigma da Razão*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).